

A CURA POR MEIO DA BENZEÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DE CASO COM UMA REZADEIRA DE FORTALEZA

HEALING THROUGH FEMALE BLESSING: A CASE STUDY WITH A FEMALE FOLK HEALER FROM FORTALEZA

Yls Rabelo Câmara¹

Universidade Estadual do Ceará – UECE

RESUMO

Nesse estudo de caso analisamos uma rezadeira de um bairro periférico de Fortaleza, capital do Ceará. Nós a escolhemos como objeto de nossa investigação no pós-doutorado porque ela representa a rezadeira que acreditamos ser do tipo que classificamos como tradicional (diferentemente das curandeiras neoxamânicas que hoje são bem mais numerosas e que atraem maior número de adeptas), mas que está se adaptando aos contornos pós-modernos da Aldeia Global que o planeta tem-se tornado, ao ter, entre seus consulentes, clientes que vivem no exterior, sem com isso descuidar-se dos consulentes que a procuram *in situ*, na esperança de terem suas demandas atendidas. O levantamento bibliográfico que fizemos para a tessitura desse artigo ancora-se em teóricos importantes da área como Conceição (2008), Rosário (2014) e Theotonio (2011), dentre outros. Concluímos ratificando a importância do estudo mais aproximado de agentes femininos de benzeção, como o são as rezadeiras, registrando suas práticas a fim de que conservemos a memória dessas mulheres tocadas pelo dom da cura.

PALAVRAS-CHAVE: Rezadeiras; Benzeção Feminina; Estudo de Caso; Periferia de Fortaleza.

ABSTRACT

In this case study we analyzed a female folk healer from the outskirts of Fortaleza, the capital city of Ceará. We have chosen her as the object of our post-doctoral research because she represents the kind of folk healers we believe to be of the type we classify as traditional (unlike the neoshamanic healers who are nowadays more numerous and who attract more followers), but who is adapting herself to the postmodern contours of the Global Village that the planet has become, by having among her consultants those ones who live abroad without neglecting the ones who seek her *in situ*, aiming to have their demands met. The bibliographical survey that we have done for this article is anchored in important theorists of the area such as Conceição (2008), Rosario (2014) and Theotonio (2011), among others. We conclude by ratifying the importance of a closer study of female folk healers, like the *rezadeiras*, recording their praxis, in order to preserve the memory of such women touched by the gift of healing.

KEYWORDS: Female Folk Healer; Female Blessing; Case Study; Outskirts of Fortaleza.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Investigando sobre rezadeiras da periferia da cidade de Fortaleza, em nosso pós-doutorado, chegamos a essa, que nos serviu de objeto de estudo e sobre a qual tratamos no

¹ Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará, Doutora e Mestre em Filologia Inglesa (Letras Inglês) pela Universidad de Santiago de Compostela. E-mail: yls.camara@uece.br

presente artigo no formato de estudo de caso. Trata-se de uma rezadeira bem-vista e benquista em seu bairro e arredores, cuja fama de excelente curandeira espalhou-se a ponto de ter consulentes fora do estado e, inclusive, fora do país - utilizando-se do ambiente virtual para consultá-los.

Antes de que adentremos nesse estudo de caso *per se*, explicaremos como se deu nosso percurso metodológico para, em seguida, fazermos uma revisita ao poder ancestral de cura do elemento feminino, presente nas diversas culturas do mundo e plasmado em nosso marco teórico para, eventualmente, voltarmos nosso olhar para a análise das rezadeiras como representantes desses agentes de cura. Feito isso, concentrar-nos-emos na história de vida da rezadeira que é o sujeito dessa pesquisa, no seu *modus faciendi* e na sua importância para a comunidade que ela assiste há vinte e nove anos.

1 Percorso metodológico

Esse estudo de caso teve, em seu primeiro momento, um levantamento bibliográfico levado a cabo por nós em artigos, monografias, dissertações, teses e trabalhos completos publicados em anais de eventos no buscador Google Acadêmico, a partir dos descritores “rezadeiras”, “rezadeiras em Fortaleza”, “rezadeiras cearenses”, “rezadeiras da periferia de fortaleza”, “benzeção no Brasil”, “benzeção no Ceará”, “benzeção em Fortaleza”.

Em um segundo momento, buscamos os possíveis sujeitos para a nossa pesquisa em espaços holísticos fortalezenses e triamos treze rezadeiras, dentre as quais, essa. Em seguida, particularmente com ela, marcamos um dia para visitá-la e, na ocasião, explicamos-lhe os objetivos da pesquisa e a importância de sua contribuição; lemos-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (que foi por ela aceito e assinado) e marcamos para ali voltarmos nas próximas dez semanas, a fim de fazermos as observações participantes.

Obtendo sua autorização quanto a isso, fizemos uma escala de dez sessões e começamos as práticas. Durante dez semanas ininterruptas, estivemos em seu local de trabalho, sempre de 07:00 às 11:00, seu horário laboral, munida de gravador eletrônico e caderno de campo, gravando e anotando tudo o que era válido para ser assim registrado. A seu pedido, não fotografamos nem filmamos nada nem ninguém nesse lapso.

Por último, fechando a contribuição dela para conosco, fizemos-lhe uma entrevista semiestruturada a partir de dez perguntas abertas (Cf. Apêndice I), por nós registrada em gravador eletrônico com o seu consentimento. A entrevista durou quarenta e sete minutos e foi posteriormente transcrita para um melhor entendimento dos dados. Com a teoria e a prática levadas a cabo, concretizamos esse estudo de caso em forma de artigo, de estudo de caso.

Para que melhor entendamos o poder de cura dessa rezadeira, igual a tantas outras como ela em solo nacional e no estrangeiro, apresentamos a seguir o marco teórico que embasou nossa pesquisa.

2 A mulher e a sabedoria ancestral da arte de curar

A tradição da busca da cura por meio da intercessão feminina é uma prática que se perde na noite dos tempos. O ser humano sempre buscou a solução para os seus problemas físicos, mentais e espirituais a partir da utilização da fitoterapia, das orações e das práticas ritualísticas de mulheres que detinham e detêm o conhecimento oculto da manipulação energética. Seguindo o curso natural do tempo, este conhecimento empírico inerente às mulheres da Antiguidade foi-se aprofundando na Idade Média. De acordo com Barstow (1991), naquele momento histórico, as chamadas “bruxas” pela Igreja eram as parteiras e benzedoras pertencentes a uma sociedade que as necessitava. Considerava-se natural o fato de se recorrer às conhecedoras dos mistérios fitoterápicos para livrar-se de problemas físicos, emocionais, mentais e espirituais; para afugentar

o azar e atrair a prosperidade; para abençoar a semeadura objetivando uma farta colheita, assim como para revolver a energia nos casos de amor dos consulentes.

Contudo, essas mesmas mulheres tornaram-se uma ameaça social ao formarem confrarias e colocarem em risco o incipiente saber médico masculino, sexista e patriarcal, que estava sendo gestado em paralelo com a ascensão do Cristianismo, que naquele momento legitimava-se como a religião oficial do mundo civilizado. Dessa forma, os saberes pagãos faziam com que a bruxa expressasse, conforme Zordan (2005, p. 339-340), “o poder das Grandes Deusas, a divinização da Natureza e a terra-corpo como sagrados”. Acreditava-se que o poder de curar poderia levar também ao de matar.

Com base nessa crença, a desculpa encontrada para silenciar-lhes o discurso e a postura empoderada foi a de taxá-las de endemoniadas. E calhou bem: a partir de então, o silêncio passou a ser o destino das mulheres, cabendo o discurso aos homens, que o construíram com base em um arcabouço autoritário e focado no masculino. Aos poucos, a medicina tradicional dos antepassados passou a ser considerada bruxaria pelos que professavam a fé em Cristo, subestimando, sobrepujando e rebatizando antigos saberes. As pessoas que faziam uso dos vetustos conhecimentos pré-cristãos, como filtros e poções, passaram a ser implacavelmente perseguidas. Com o Cristianismo cada vez mais preponderante, intolerante e imponente, tornava-se inviável que a mulheres continuassem a agir como sempre haviam agido; não se aceitava mais que seguissem remediando a vida. Bastava com gestá-la.

As bruxas, antes respeitadas por sua cultura milenar e hereditária, passaram a simbolizar a ligação feminina com o oculto e com o diabólico (BECHTEL, 2001). A violência misógina legitimada que se produziu contra elas chegou às raias do delírio e da insanidade por duas marcadas e dolorosas vezes na História: na Inquisição (sécs. XII a XVIII) e na Caça às Bruxas (sécs. XV a XVIII). Determinadas localidades assistiram a um verdadeiro extermínio de pessoas acusadas de bruxaria - diga-se de passagem, que entre 75% e 90% dos casos, tratava-se de mulheres, segundo Mainka (2002). E por que mulheres e não homens? Provavelmente porque as mulheres sempre estiveram mais próximas das crianças, dos velhos e dos doentes – dos mais débeis, portanto; sempre trabalharam mais devotadamente na elaboração do alimento; sempre foram profundas conhecedoras das dores, dos partos, das doenças e da morte em si e, conseqüentemente, passaram a ser vistas com maior desconfiança devido a tal proximidade, como defendem Menon (2008) e Mainka (2002).

Apesar da perseguição empedernida que sofreram, as bruxas, reduzidas em número, resistiram, ressignificaram sua missão, redimensionaram sua atuação e seguem entre nós sob a configuração de outros agentes de cura, como as curandeiras, nos mais diversos sítios do planeta, de acordo com Stancik (2009). A bruxa não morreu. E por que deveria? Sobre essa continuidade tratamos a seguir.

3 A arte da benzeção e as benzadeiras: a mulher como agente de cura

Consoante o que supra expomos, contrariando o que comumente fez-se crer, a bruxa ancestral nunca foi sumariamente erradicada como se pretendia. Ela seguiu existindo atualizada e camuflada sob outros nomes; no Brasil, foi rebatizada como curandeira, rezadeira, benzeadeira, mezinheira e parteira, (CONCEIÇÃO, 2008).

Faz-se necessário explicar que o fato de nos referirmos reiteradas vezes a mulheres aqui não quer dizer, em absoluto, que não existam rezadores, benzedores, mezinheiros, curandeiros ou parteiros, mas são os homens tão menos referenciados nesses ofícios, pelo que concluímos do levantamento bibliográfico que fizemos para trabalhos acadêmicos anteriores nessa temática, que preferimos restringir o escopo de nossa investigação às mulheres que se dedicam a curar e proteger outrem através de rituais de benzimento.

À luz de Santos (2014, p. 14), “A benção é uma prática popular de cura, que utiliza uma linguagem específica, tanto oral, quanto gestual, com o objetivo de não apenas curar, mas também de dar uma explicação sobre o que está acontecendo.”. Destarte, os consulentes que buscam uma rezadeira o fazem porque a consideram não somente uma curandeira, mas também uma conselheira. Essas mulheres tocadas pelo dom da sanção são especialmente respeitadas em suas comunidades porque extrapolam o limite físico e dialogam com o etéreo. Moraes (2007, p. 447) explica que o termo **dom** vem do latim *donum*, que quer dizer “oferta feita aos deuses”. Estendendo um pouco mais esse conceito, podemos afirmar que ele significa a “oferta concedida por Deus a certas criaturas que se tornam dotadas.”.

Para Santos (2007) e Araújo (2011), não são as rezadeiras que escolhem seu caminho: elas são escolhidas por e para ele. Uma vez triadas entre tantas mulheres de seu meio para essa missão que consideram nobre, elas sentem-se na obrigação de retribuir esse obséquio divino servindo de intercessoras entre a Espiritualidade e quem as buscam. Normalmente, segundo Santos (2007) e Araújo (2011), o dom pode ser-lhes revelado por meio de uma visão, de um sonho ou de um acontecimento sobrenatural; pela superação de um grande obstáculo ou pode ser-lhes transmitido por alguém que já o tenha e desenvolva, a fim de que seja continuado.

A benção cura doenças do corpo e do espírito, doenças que o saber médico não alcança entender nem trata. As mais conhecidas são, a saber: cobreiro (irritação na pele), dor de cabeça, dor de dente, dor de barriga, peito aberto ou arca caída (dores na região do tórax), afta, espinhela caída (lumbago), quebranto (mau-olhado), bicha (lombriga, vermes), *arduvento* (derrame e paralisias), vento brabo (choque térmico), machucadura e *rendidura* (dores musculares e lesão por esforço), coceira, brotoeja, bronquite, rouquidão, erisipela, ventosidade (gases), torção de braços e pernas e quebradeira no corpo (SANTOS, 2007; ARAÚJO, 2011).

No ritual de cura praticado por essas mulheres especiais há tanto aproximações como afastamentos devido ao seu *modus operandi* individual, não necessariamente coletivo: “cada benzedeira possui um rito próprio, uma maneira singular de benzer. [...] Essa singularidade a torna ainda mais fascinante, uma vez que presenciamos várias maneiras de se alcançar o mesmo objetivo: a cura através da fé.”. (NOGUEIRA; VERSONITO; TRISTÃO, 2012, p. 169). Além disso, elas utilizam-se de uma rica farmacopeia na fabricação artesanal de unguentos, xaropes, emplastos, garrafadas e banhos de limpeza, além de outros saberes que as capacitam para práticas divinatórias (SANTOS, 2005). Aqui fazemos um adendo para lembrarmos de que esse conhecimento farmacopeico remete ao saber fitoterápico das mulheres acusadas de bruxaria por detê-lo, no Medievo, e assim diferenciarem-se dos homens, especialmente dos homens que exerciam a Medicina:

A acusação contra as feiticeiras de fabricarem unguentos mágicos e maléficis refere-se ao conhecimento que as mulheres tinham das ervas e de suas propriedades, um conhecimento frequentemente invejado transmitido de mãe para filha: as “funções” das mulheres, confinadas em casa, a tudo o que concernia à educação das crianças e ao mercado, as obrigava a conhecer remédios e poções. A perseguição da feiticeira revela igualmente o ressentimento da medicina erudita e masculina em rivalidade contra a medicina popular e feminina. (FURGONI, 1991, p. 403).

Além do ritual de reza, acompanhada de gestos feitos no corpo do paciente com um galho viçoso de pinhão, guiné ou alecrim, por exemplo, a benzedeira unge-o de forma repetitiva e reiterando palavras memorizadas, mas não por isso seguindo um padrão único, ditas na efervescência do momento (THEOTONIO, 2011). A palavra é o meio utilizado para que a cura atinja o consulente. A atenção volta-se para o que é dito – as jaculatórias e os ensalmos. A confiança da benzedeira em sua reza e a confiança nela depositada pelos que a buscam são fundamentais para que a magia funcione como se espera. Segundo Cunha (2012, p. 1): “Por meio da palavra ou por meio da memória destas guardiãs, esses saberes foram adquiridos, transmitidos

e reconstruídos.”. Normalmente, no início das benzeduras, para abrir o ritual, é comum utilizar-se de rezas estipuladas pela liturgia católica como o Credo, o Pai Nosso e a Ave Maria, depois que os presentes se persignam. Mas, a depender da benzedeira, na oração podem entrar também, além dos santos, orixás, caboclos ou índios. Ou todos juntos. Para cada tipo de demanda dos consulentes, existe um tipo de reza distinto, conforme Theotônio (2011).

Além dos males que já elencamos, os clientes procuram essas mulheres com o intuito de resolverem também seus problemas nos campos afetivo e profissional; para recuperarem e/ou preservarem a potência sexual; para selarem uma decisão importante e que afetará suas vidas; para encontrarem pessoas e objetos perdidos, além de bens roubados; para pedirem uma boa colheita; para que as parturientes tenham um bom parto; para se livrarem de um encosto ou possessão, resolverem conflitos familiares e combaterem vícios (SANTOS, 2005; THEOTÔNIO, 2011).

Muitas das orações por elas proferidas aludem a elementos da natureza, como a água, que “[...] está diretamente relacionada com a cura da “dor de barriga”. A “água fria” poderia ser de um rio cuja “correntia” levaria a dor que estaria fazendo sofrer aquela pessoa.”. (SANTOS, 2005, p. 188). Em outras palavras, da mesma forma que o curso de água do rio se processa, também a dor de barriga é levada pela água. O simbolismo da água estende-se a rios, fontes, lagoas e, principalmente, à água do mar. Muitas rezadeiras, ao benzerem as pessoas de *arduvento*, mau-olhado, ou erisipela, dentre outros males, e após pronunciarem as palavras sagradas, concluem o ritual pedindo ao Todo Poderoso que jogue o mal que o doente estava sentindo nas águas do mar sagrado. Com esse tipo de procedimento, delega-se ao mar que leve definitivamente a doença, o azar, a inveja, o olho gordo, o vento bravo e outros males para nunca mais retornarem ao corpo ou ao espírito da pessoa. Aliás, para muitas curandeiras, não importa se a água é do mar ou de um rio. Para elas, tais lugares, além de serem misteriosos, são sagrados. São nas águas que alguns rituais religiosos ou curativos são praticados: batizados (iniciação), lavagem de correntes (contas) e limpeza de corpo são efetuados nas águas (SANTOS, 2005).

Em linhas gerais, as benzedeiças brasileiras são mulheres que se dedicam ao lar e por isso não são economicamente ativas. Normalmente prescindem de uma agenda e atendem seus consulentes conforme demanda espontânea (CONCEIÇÃO, 2008). A varanda, o jardim e o quintal são os espaços da casa onde costumeiramente realizam seu trabalho, que é também de onde recolhem as folhas e os ramos das plantas que serão utilizados nas rezas. Quanto a estes acessórios, Santos (2009) expõe que:

Para compor este ritual de cura, as rezadeiras podem utilizar vários elementos acessórios, dentre eles: ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulha, linha e pano, além do conjunto de rezas. Estas podem ser executadas na presença do cliente, ou à distância. Em seu ofício, de amplo reconhecimento, essas mulheres “rezam” os males de pessoas, animais ou objetos, bastando apenas que alguém diga os seus nomes e onde moram. (SANTOS, 2009, p. 12-13).

Segundo Câmara, Sanz-Mingo e Câmara (2016), caracterizam-se por serem mulheres pobres, enxergadas como sujeitos históricos que não possuem letramento suficiente. São necessariamente iniciadas e, na grande maioria dos casos, herdaram o poder de cura e o conhecimento acerca dos mistérios de suas práticas, apesar de que algumas fogem a essa regra. Para Halbwachs (1990), as rezadeiras são sujeitos que preservam a memória e a oralidade e que contribuem para com a identidade social que seu coletivo representa - por essa e outras razões, o registro delas é tão importante para que não percamos o legado que têm deixado entre nós.

Pelo levantamento bibliográfico que fizemos para trabalhos afins nessa mesma temática, acreditamos que o porquê da procura por essas mulheres não repousa somente na carência de médicos em algumas regiões mais pobres de nosso país, onde elas se encontram em maior número, mas também se deve ao fato de que elas estão mais próximas de seus clientes do que os médicos o estão de seus pacientes e porque as benzedeiças curam as doenças que os médicos não

diagnosticam nem curam, como o mau-olhado, a maior queixa do público que as busca (CÂMARA; SANZ-MINGO; CÂMARA, 2016).

Embora haja rituais de cura de origem ameríndia e africana em seu *modus faciendi*, o que predomina na benzedura brasileira é o apelo aos santos católicos (ainda que rebatizados com nomes de entidades outras). Para Burke (2003, p. 5), em seus estudos acerca do hibridismo cultural, ao nos defrontarmos com o que possivelmente diz respeito a duas tendências culturais distintas, não devemos entendê-las de forma separada, pois “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural.” Independentemente da religião que pratiquem, cujas influências estendem às suas práxis, a importância destas mulheres em suas comunidades é incontestável:

[...] ainda que o sistema público de atenção à saúde seja um importante e permanente aliado na prevenção e cura de enfermidades, a população brasileira, sobretudo a de camadas de baixa renda, continua fazendo uso de outras opções terapêuticas, tornando vivo o pluralismo médico no país. (ANDRADE; CORREIA, 2008, p. 13).

Assim como a Pajelança, o Cristianismo Popular, categoria à qual as rezadeiras invariavelmente pertencem, tem sido acossado pelo aparelho repressor do Estado, assim como também pelos médicos e defensores do saber científico; principalmente o foi entre o final do século XIX e início do século XX, quando o Cartesiano estava em voga. O século XX estabeleceu o saber biomédico (cartesiano, flexinariano e especializado) como preponderante sobre todos os outros saberes ligados à cura do corpo e da mente, entre os quais incluímos o saber das rezadeiras. À luz de Figueiredo (2005),

Os curandeiros não podiam exercer seu trabalho sem o risco de eventual incômodo policial. A legislação indica que, no decorrer do século XIX, principalmente a partir da segunda metade, havia um controle mais rigoroso para o exercício das atividades relacionadas à saúde. (FIGUEIREDO, 2005, p. 65).

Na tentativa de evitar o rótulo de charlatãs, grande parte das benzedadeiras tem se assumido como “católicas praticantes”, conforme Conceição (2008). Ademais, são unânimes em afirmar que não cobram por suas rezas e conselhos – muito também para evitar a desconfiança sobre e si e sobre seu labor por parte dos consulentes.

É interessante que ressaltemos que mesmo contando com um sistema de saúde que pode ir de precário a regular, o paciente que procura o médico tende a não deixar de procurar as benzedadeiras, o que aproxima a terapêutica alopática da magia (THEOTONIO, 2011). Curiosamente, pessoas que podem pagar por um bom plano de saúde ainda se voltam para essa manifestação da cultura popular e procuram as benzedadeiras para proteção e cura de males de todo tipo (ROSÁRIO *et al.*, 2014). Em resumo: essas práticas não se restringem somente às classes sociais menos favorecidas de meios econômicos e os que as buscam, em sua maioria, as identificam como naturais:

Não são apenas pessoas “simples”, oriundas da classe popular e que tradicionalmente tiveram pouco acesso à educação formal e ao saber médico. Pessoas instruídas, que se consultam frequentemente com médicos e que possuem uma situação financeira mais confortável também o fazem; é o caso de políticos, professores, profissionais da saúde, entre outras. Pessoas que acreditam nas benzedadeiras, no poder das rezas, na eficácia das ervas. Pessoas que buscam a medicina popular como alternativa ou como uma forma de complementar o tratamento da medicina tradicional. Afinal, muitas pessoas vão ao médico e à benzedeira ao mesmo tempo. (SANTOS, 2007 *apud* HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015, p. 121).

Esse imbricamento da figura da rezadeira em temas sanitários brasileiros tem origem nas dificuldades pelas quais passamos em termos de saúde pública, uma vez que a saúde é um direito de todos, mas que no Brasil o é mais em teoria do que na prática.

A rezadeira que nos serviu de objeto de estudo nesse estudo de caso é uma agente de cura extremamente valorizada em sua comunidade, ainda que tenha enfrentado preconceito e desconfiança por parte de seus próprios familiares quando iniciou seu labor curativo há algumas décadas. Sobre ela tratamos na próxima sessão.

4 Analisando Dona do Carmo - uma rezadeira popular de um bairro fortalezense

Nós a conhecemos através de uma ONG que trabalha especificamente com terapias holísticas em Fortaleza. O primeiro contato, onde nos apresentamos e expusemos os objetivos da pesquisa, além da aceitação por parte dela do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi amigável e bem-humorado. Dona Do Carmo não se importou de ter seu nome revelado aqui, mas pediu-nos que mantivéssemos seu sobrenome em sigilo - o que respeitamos. Além disso, pediu-nos que não a registrássemos imagneticamente nem aos seus consulentes e ambiente de trabalho - o que também acatamos, ainda que internamente a contragosto.

É importante salientarmos que o fato de buscarmos uma rezadeira tradicional para analisarmos nesse estudo de caso parte do princípio de que, com nossa investigação, almejamos preservar a cultura da consulta a essas mulheres empoderadas pela Espiritualidade para proverem a cura de maneira natural e seguindo uma linha ancestral de transmissão. Por não acreditarmos no poder conferido às atuais curandeiras neoxamânicas, que muitas vezes não têm essa mesma vocação para a cura, mas o fazem como uma profissão, fitando a remuneração, preparando-se para isso em cursos presenciais e/ou online ou em encontros esporádicos, nosso escopo restringe-se somente às rezadeiras que consideramos genuínas e que, diferentemente das neoxamânicas, são cada vez menos visíveis no cenário citadino e/ou rural.

Foram várias observações participantes, dez para sermos mais exata, sempre às sextas-feiras pela manhã, de 7:00 às 11:00, durante quase três meses. Na última semana, terminamos o trabalho de coleta de dados com ela por meio de uma entrevista semiestruturada de dez questões que envolvem informações tanto do seu lado profissional quanto do seu lado pessoal que não tinham ficado explícitas nas observações participantes. O que apresentamos a seguir é uma síntese de nossa investigação com essa rezadeira influente em seu meio.

Ela tem sessenta e seis anos; é divorciada e tem três filhos. Simpática e receptiva, sempre disposta a ajudar quem a busca, é uma líder no seio de sua comunidade, o bairro Messejana. Católica praticante, Dona Do Carmo mantém um grupo de oração em sua residência (onde ela atua como rezadeira) todas as noites de segunda-feira, de 18:00 às 21:00. As sessões de rezas, benzeções e curas que ela pratica em seus consulentes têm lugar de segunda a sexta-feira, durante a manhã, a partir das 7:00, estendendo-se, a depender do número de pessoas que a busquem no dia, até quase o início da tarde. As pessoas chegam cedo, por volta de 5:30. Na varanda da casa, cadeiras brancas de plástico são dispostas em filas, de maneira a que ninguém fique de pé. Uma vez que chegam, recebem uma senha distribuída por seu filho mais velho (que é quem organiza o ambiente para que ela se concentre apenas em seu labor) e se sentam à espera de sua vez.

Quando chamadas, entregam a senha a ele e entram na sala de estar, organizada com cadeiras idênticas às dispostas na varanda, só que aqui são dispostas em círculo. Os primeiros que chegam ficam já posicionados no círculo, na sala, à espera de que ela inicie os trabalhos daquela manhã. Pontual, Dona Do Carmo chega, abre a grande janela da sala que dá para a varanda e se posiciona no meio do círculo a fim de que todos tenham contato visual com ela: os que já estão a ponto de receberem suas bênçãos e os que ainda estão fora, na varanda, a esperar.

Invariavelmente, assim posta, ela dá início aos trabalhos do dia com uma fala a respeito de temas bíblicos ou de festas litúrgicas que a Igreja esteja vivenciando naquele momento ou ainda se detém na vida de algum santo como exemplo a ser seguido pelos que ali estão. Após isso, rezam-se o Pai Nosso, a Ave Maria e a Salve Rainha em conjunto e canta-se alguma música católica à guisa de louvor, fechando esse momento inicial de meditação.

Dona Do Carmo inicia a benzeção. Tem um *modus faciendi* próprio, tal como soem ter as rezadeiras de um modo geral, como já mencionamos. Para na frente de cada consulente sentado no círculo e pousa a mão sobre sua cabeça, tocando seu chakra coronário, e faz três movimentos manuais circulares no sentido horário enquanto reza, abençoa, aconselha ou vaticina algo que surgirá para o consulente no futuro imediato ou distante. Normalmente as pessoas trazem também, escritos, os nomes daqueles que não estão ali, mas que necessitam do trabalho da rezadeira, assim como fotos e documentos – principalmente a carteira de trabalho. A depender de cada caso, ela demora-se um pouco mais ou um pouco menos com cada um e diz que a inspiração para o que diz e reza no momento vem de seu anjo da guarda que, segundo ela, postase de pé, ao seu lado, durante todo o tempo em que duram as benzeções.

Ao saírem, já contemplados, os consulentes podem ou não pagar R\$ 2,00 (dois reais) ao filho de Dona Do Carmo. Essa é uma contribuição módica, ainda que voluntária, que a ajuda a pagar as obras de caridade que ela mantém, como a distribuição mensal de cestas básicas nas comunidades que abraçam o bairro. Ao passo que saem, dão lugar aos que estão sentados na varanda, esperando suas senhas serem chamadas.

Um intervalo é feito na metade da manhã para que ela possa se hidratar, já que fala ininterruptamente por duas horas ou mais, e comer alguma fruta ou tomar um café com pão e manteiga – hábito nutrido por ela desde as primeiras benzeduras, há quase três décadas. Esse é o momento no qual algumas pessoas com problemas mais sérios e que necessitam de uma consulta particular a procuram e com ela passam alguns minutos em um quarto à guisa de consultório, separado da sala por um corredor. Nele há uma mesa coberta com uma toalha branca e algumas cadeiras de madeira posicionadas no centro e, por todos os lados, organizadas em um enorme altar formado pelas quatro paredes e provido de flores e velas coloridas acesas, várias imagens de santos do panteão católico, presentes de clientes satisfeitos. Nesse momento a sós com Dona Do Carmo, ela geralmente dedica-se mais ao consulente, ouvindo-o atentamente, aconselhando-o ou benzendo-o. Ao saírem, alguns pagam algo mais por esse serviço mais próximo, como se de uma assessoria espiritual se tratasse, e outros não o fazem, até porque o trabalho que ela desenvolve é voluntário.

Escutando algumas das pessoas que vêm com frequência às rezas com ela, há desde desempregados em busca de sua intercessão para conseguirem a inserção ou a reinserção laboral a mães que pedem oração por seus filhos enfermos, especialmente com quebrante/mau-olhado. Estas têm que voltar ali um número determinado de vezes que condiga com a gravidade da situação. Testemunhei também muitas mulheres com os retratos de seus namorados, amantes e maridos, com quem a relação não está satisfatória e elas buscam a rezadeira para ajudá-las a reacender a paixão em seus homens ou para recuperá-los, em caso de haverem sido abandonadas por eles. Há, igualmente, mães, esposas e namoradas que trazem as fotos de seus filhos, esposos e namorados que estão nesse momento presos às drogas ou ao submundo das facções criminosas criadas pelo crime organizado e que assolam o estado do Ceará para que Dona Do Carmo interceda por eles.

Alguns casos impressionam. Dentre eles, o de uma senhora de quarenta e dois anos que outrora tivera o corpo coberto de chagas: as unhas e os cabelos caíram-lhe, fruto, segundo ela, de um ebó² feito na Quimbanda³ por parte de uma parente sua que lhe tinha inveja. A primeira vez

² Tanto pode significar um trabalho de limpeza, também conhecido como “sacudimento”, como também um oferecimento a entidades e que pode ou não envolver animais sacrificados. Disponível em: <https://www.juntosnocandomble.com.br/2011/06/ebo-significado-completo.html> (Acesso: 29/09/2020).

que fora lá, teve que ser envolvida em um lençol, completamente nua, porque não aguentava mais as roupas sobre o corpo, que grudavam no sangue e na salmoura liberados por suas feridas. Acreditando que iria morrer em breve, dada a gravidade de sua situação, procurou Dona Do Carmo, que lhe solicitou que voltasse lá um certo número de vezes. Depois disso, pudemos testemunhar todos que a antes enferma encontra-se completamente curada, ainda que completamente marcada no corpo por manchas brancas grandes e pequenas, resquícios de suas chagas curadas, mas que Dona Do Carmo afirma que jamais desaparecerão. Nem por isso essa cliente sente-se revoltada. Pelo contrário: como achava que iria morrer, uma vez que os médicos não identificavam a raiz de seu problema, ao ver-se livre das feridas que lhe sugavam energia espiritual e saúde física e descobrir o motivo de havê-las tido, é imensamente grata a Dona Do Carmo e seu pagamento pela graça alcançada foi financiar-lhe uma viagem à Aparecida, em São Paulo, para que sua curadora pudesse pagar uma promessa feita à Nossa Senhora Aparecida há muitos anos.

Há casos difíceis, principalmente os que envolvem crianças vitimadas com mau-olhado e adultos com cobreiro ou espinhela caída. Segundo Dona Do Carmo, de todos os seus pacientes, ela apenas perdeu um: uma criança de dez meses, um menino acometido de quebrante. Segundo ela, o feitiço foi tão sumamente forte que foi posto para matar a criança a fim de atingir a mãe. Essa, incrédula, evangélica, congregante da Igreja Universal do Reino de Deus há muitos anos, apesar de haver sido alertada por uma vizinha para procurar uma rezadeira imediatamente, não o fez incontinenti, mas no segundo dia, à tardinha, quando o menino já não conseguia deglutir - vomitando e chorando incessantemente. Após escutar da pediatra que a criança estava “normal”, ela, desconfiada de que o mal era espiritual, levou o bebê à igreja, mas não logrou êxito em fazê-lo melhorar. Ao procurar Dona Do Carmo, já quase no crepúsculo, a rezadeira não pôde fazer a reza como deveria (já que ela não reza depois das 17:00) e tristemente vaticinou que aquela criança, ainda que a mãe a trouxesse no outro dia, já não seria mais tocada pela cura porque o feitiço fora feito para matá-la em três dias e aquele era o segundo. Infelizmente ela não se enganara e a criança veio a falecer no dia seguinte, àquela hora.

Apesar desse único caso triste, o que observamos ali foi muito amor envolvido entre rezadeira e seus consulentes. Interagindo com esses quando das observações participantes semanais, certifiquei-me de que alguns frequentam o local há muitos anos, de forma rotineira. São vizinhos e amigos de Dona Do Carmo que confiam nela para a resolução de todos os seus problemas. Dona Do Carmo tanto é carinhosa com eles como com quem não conhece; é muito receptiva com quem ainda não conhece seu trabalho, como aconteceu conosco, por exemplo. Abraça e beija as pessoas em dados momentos e recebe de volta essas manifestações de carinho, além de presentes (como imagens de santos, terços, roupas, perfumes, *souvenirs* e dinheiro).

Não somente dispensa atenção aos que a buscam *in loco*, mas no ambiente virtual também, àqueles que, de perto ou de longe - no Ceará, no Brasil ou em alguns países da Europa, assim como nos Estados Unidos, enviam-lhe mensagens pelo WhatsApp ou pelo Facebook pedindo-lhe rezas e sua intercessão espiritual em casos específicos. Sua página no Facebook coleciona quase o número máximo de cinco mil amigos e ela a alimenta constantemente com mensagens de otimismo e orações. É uma rezadeira tradicional, mas que se abriu às vantagens que a internet proporciona ao mundo globalizado pós-moderno e, nesse sentido, é uma rezadeira vanguardista. Essa atitude sua começou quando ex-clientes seus foram morar no exterior e levaram consigo o hábito de consultá-la remotamente, passando seu contato aos novos amigos que ali fizeram.

Apesar desse reconhecimento e da popularidade que goza entre seus clientes físicos ou virtuais, Dona Do Carmo enfrentou o preconceito e a descrença em seus dons, principalmente dentro de sua família. O início do desenvolvimento de sua espiritualidade foi marcado por desconfiança e julgamento, que ela foi demolindo ao passo que foi demonstrando que o que dizia

³ Religião de origem afro-brasileira que mantém em seus ritos os sacrifícios de animais. Disponível em: <http://www.wemystic.com.br/artigos/o-que-e-quimbanda/> (Acesso: 29/09/2020).

sentir era verdade. Ao se divorciar do esposo, com os filhos para criar sozinha, a dona de casa viu-se, de repente, em uma situação econômica vexatória. Aos poucos, vendendo bolos caseiros e, depois, marmitas, foi reestruturando-se economicamente. Mesmo necessitando do dinheiro, rezava nas pessoas sem cobrar; se elas pagavam, era porque o queriam.

Com o passar dos anos e o aumento de sua popularidade, vieram também os novos problemas: sua dedicação à benzedura afastou-a do convívio mais próximo com seus filhos e, em um mesmo ano, como se de uma provação se tratasse e que ela aceitara como um presente divino para ajudá-la em sua trajetória rumo à elevação espiritual, segundo crê, descobriu que seu filho mais novo entrara para o mundo das drogas, influenciado por alguns amigos que pertencem a uma facção criminosa que domina o tráfico de drogas no bairro de Messejana, e que ela desenvolvera uma cardiopatia ligada à doença de Chagas, contraída ainda em sua infância. Contudo, como todos esperavam, ela vem contornando esses problemas com coragem, determinação, resiliência e resignação: o filho, apesar das recaídas e de ainda manter vínculos com alguns dos amigos que o influenciaram a fazer uso de drogas pesadas como o crack, é constantemente assistido por uma casa de reabilitação de dependentes químicos, e ela vem sendo acompanhada por um de seus consultantes, que é cardiologista em um hospital de referência da rede pública do município de Fortaleza.

Essa mulher abnegada, que há vinte e nove anos entrega-se a essa missão apaixonadamente, a quem acompanhamos todas as semanas durante dez sessões, demonstrou-nos que as rezadeiras tradicionais podem se reinventar, tal como o têm feito desde sempre, a fim de que não sucumbam ao esquecimento, ao saber médico falocêntrico nem à cultura de massificação do mercenarismo da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos esse estudo de caso, concluímos o quão importante é o registro científico do *modus faciendi* das rezadeiras tradicionais, como a que analisamos nessa investigação pós-doutoral, já que elas não abundam mais em número na cidade de Fortaleza como outrora e há uma crescente tendência de se associar o ofício que desempenham ao das curandeiras neoxamânicas, que não raro obtêm seus conhecimentos curativos por meio de cursos e jornadas formativas – o que não lhes confere, ao nosso ver, a mesma credibilidade.

Acreditamos que um olhar mais cuidadoso da Academia nesse sentido é necessário para que a trajetória e a memória dessas mulheres que curam sejam preservadas. Destarte, estudos de caso como esse são importantes e necessários para que conheçamos algumas dessas mulheres especiais, tocadas pelo Divino e que provêm a cura física, mental e espiritual em suas comunidades, além de servirem de conselheiras a seus consultantes em assuntos variados. Assim o fazendo, o investigador estará bebendo de nossas fontes culturais mais genuínas, dada a ligação da benzedura feminina com o folclore e com os sistemas de crenças que formam o mosaico sincrético religioso brasileiro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, João Tadeu de; CORREIA, Heloíse Maria de Riquet. **Curadores tradicionais no Ceará: inserção social, perfil terapêutico e contribuição para a saúde pública**. 26^a Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 12p., jun., 2008.

ARAÚJO, Fabiano Lucena de. Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: estudo de caso sobre uma benzedeira. **Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 18, p. 81-97, set., 2011.

BARSTOW, Anne Lewellyn. **La caza de brujas**: historia de un holocausto. Girona: Tikal Ediciones, 1991.

BECHTEL, Guy. **Las cuatro mujeres de Dios**: la puta, la bruja, la santa y la tonta. Barcelona: Ediciones B, S.A, 2001.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CÂMARA, Yls Rabelo; SANZ-MINGO, Carlos; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo. Das bruxas medievais às benzedoras atuais: a oralidade como manutenção da memória na arte de curar - uma pesquisa exploratória. **Boitatá**, v. 11, n. 22, p. 221-236, 2016.

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. Ser rezadeira: experiências e práticas culturais de participantes da Medicina popular - Gov. Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970). **Revista Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**, p. 1-7, 2008.

CUNHA, Lidiane Alves da. Saberes e Religiosidades de Benzedoras. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 13, p. 1-6, 2012.

FURGONI, Chiara. La femme imaginée. In: DUBY, Georges; KLAPISCH-ZUBER, C. (Org). **Histoire des femmes en Occident – Le Moyen Age**. v. 2., 403 p. Paris: Plon, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha. Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção. **Revista Guaju**, Matinhos, v.1, n.2, p. 110-126, jul./dez., 2015.

MAINKA, Peter Johann. A bruxaria nos tempos modernos – sintoma de crise na transição para a modernidade. **História: Questões e Debates**, v. 37, n. 2, p. 111-142, 2002.

MORAIS, Maria João Moreira de. Saberes e Poderes que Só às Mulheres Pertencem. **Actas do VIII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres em Galicia. Galicia e os Outros Pobos da Península**, p. 477-486, Barcelona, 2007.

NOGUEIRA, Léo Carrer.; Versonito, Suelen Malheiro.; TRISTÃO, Bruno das Dores. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – O caso do município de Mara Rasa, Goiás, Brasil. **Élisée, Rev. Geo. UEG**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 167-181, jul./dez., 2012.

ROSÁRIO, Maria do; SÁ, Lenilde Duarte de; KLÜPPEL, Berta Lúcia Pinheiro. Reza e Tecnologia Leve no Diálogo entre os Saberes Científicos e Populares. **Cadernos de Pesquisa em Ciência da Religião**, n. 23, p. 96-112, 2014.

SANTOS, Denilson Lessa dos. Nas Encruzilhadas da Cura: crenças, saberes e diferentes práticas curativas. **Dissertação**. Mestrado em História, UFBA, Santo Antônio de Jesus, 230f. 2005.

SANTOS, Francimário Vitor dos. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta, na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, São Paulo, n. 8, p. 6-35, 2009.

_____. O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN. 2007. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 196f., 2007.

SANTOS, Thiago Lima dos. Pajelança: religião e sociedade no século XIX e XX. **29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Natal, p. 1-19, 2014.

STANCIK, Marco Antonio. Medicina e Saúde Pública no Brasil: dos pajés e físicos aos homens de Ciência do século XX. **Revista Esboços**, v. 16, n. 21, p. 111-136, 2009.

THEOTONIO, Andrea Carla Rodrigues. Práticas de Rezas: oralidade e cultura no cotidiano das rezadeiras, p. 1-7, 2011.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto. Bruxas: figuras de poder. **Revista Estudos Feministas**, v.13, n. 2, p. 331-341, 2005.

Submetido em 07/02/2020

Aceito em 18/07/2020

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1) Como a senhora se descobriu rezadeira?
- 2) A senhora queria ser rezadeira ou essa condição foi imposta à senhora à revelia?
- 3) Quem a iniciou como rezadeira e como foi esse momento?
- 4) Quais as maiores dificuldades iniciais que a senhora enfrentou?
- 5) Como foi ser rezadeira em uma família que não respeitava a sua mediunidade?
- 6) Como o tornar-se rezadeira modificou a sua rotina?
- 7) A senhora arrepende-se do quê, sendo rezadeira há tantos anos?
- 8) O que mais a satisfaz em seu ofício?
- 9) Que casos mais difíceis a senhora ajudou a curar?
- 10) A senhora já perdeu pacientes para a morte por não haver podido ajudá-los?